

# Um intelectual que não se cala

Cláudio Novaes Pinto Coelho

**N**um momento em que o silêncio dos intelectuais chama atenção, o livro do sociólogo, jornalista e professor Laurindo Lalo Leal Filho demonstra que nem todos os intelectuais optaram pelo abandono da postura crítica e pelo conformismo diante das instituições e pessoas que perpetuam as situações de opressão e de dominação social. O material que compõe o livro foi produzido em grande parte originariamente para a revista *Educação*, o que por si só já indica a preocupação do autor com a socialização do conhecimento produzido na universidade. Essa preocupação deu origem a textos redigidos de forma clara, e muitas vezes bem humorada, mas que nem por isso banalizam ou simplificam os temas abordados. O fio condutor da obra é a defesa do argumento de que a sociedade deve exercer um controle sobre os meios de comunicação social, particularmente o mais influente deles, a televisão.

Lalo não tem medo de contrariar o pensamento único, a ideologia neoliberal, que execra qualquer tentativa de controle das atividades empresariais. Afinal de contas, as emissoras de televisão são concessões públicas e utilizam um bem público, as ondas eletromagnéticas. Mas é exatamente esta realidade, a dimensão pública da comunicação eletrônica, que os proprietários das emissoras de televisão e seus inúmeros porta-vozes procuram esconder, caracterizando as tentativas de controle social das suas atividades como o “retorno da censura”. Esta postura seria cômica, se não fosse trágica: as maiores redes de televisão do Brasil, Globo e SBT, apoiaram e foram apoiadas pela Ditadura Militar e agora travestem-se de campeões da liberdade.

A revisão da história é uma operação ideológica necessária para a manutenção do poder das emissoras de televisão. A Rede Globo tornou-se especialista nesta prática, contando, inclusive, com a cumplicidade de setores intelectuais, conforma aponta Lalo:

## **A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão**

Laurindo Lalo Leal Filho

São Paulo: Summus Editorial,  
2006, 180 p.



Os vínculos com a ditadura, as distorções jornalísticas, a aposta no consumismo exacerbado, o desrespeito à infância e o ufanismo ridículo no esporte são marcas difíceis de ser apagadas. Parece haver agora uma política para mudar esse quadro e reescrever a história. É aí que mora o perigo. São várias ações no mesmo sentido: seminários, manifestos, livros. Na PUC de São Paulo, universidade de tradições democráticas, marcada pela luta contra a ditadura, a Globo realizou um seminário supostamente em defesa da cultura brasileira.(...) Mas o pior está nos livros. A pretexto dos 35 anos do *Jornal Nacional*, a Globo lançou o livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* (Jorge Zahar, 408 p.) tentando limpar a barra (pp. 161-162).

Se Laurindo Lalo Leal Filho faz parte da minoria dos intelectuais que ousa pensar com independência, certamente ele está em boa companhia: Pierre Bourdieu e Octávio Ianni, que até o fim de suas vidas mantiveram uma postura questionadora do poder e dos poderosos, são mencionados pelo autor como indicações de leitura e fontes de inspiração. A defesa, feita em *A TV sob controle*, da necessidade de se educar para a TV, de que pais e professores devem utilizar a televisão para a valorização

de uma visão crítica do mundo e da própria televisão, encontra eco no posicionamento de outro intelectual não conformista, Theodor Adorno. Contrariando o senso comum acadêmico que afirma que Adorno é um pensador apocalíptico, inimigo da tecnologia e do desenvolvimento dos meios de comunicação, este autor entendia, como se pode perceber no livro *Educação e emancipação*, publicado no Brasil pela Editora Paz e Terra, que se deve aprender a “ver tevê sem ser iludido, ou seja, sem se subordinar à televisão como ideologia”.

(...) Desde o início, este ensino deveria desenvolver as aptidões críticas; ele deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas, protegendo-as sobretudo, em face da propaganda geral de um mundo que a mera forma de veículos de comunicação de massa desta ordem já implica como dado (pp. 79-80).

Fruto, principalmente, de um diálogo com educadores, o livro *A TV sob controle* oferece várias sugestões para se ver TV com olhos críticos, desde referências bibliográficas até programas da própria televisão. O autor não deixa de reconhecer o papel decisivo desempenhado pelos professores, tão subestimados nestes tempos de culto às máquinas, particularmente aos computadores:

Nada, no entanto, substitui a sensibilidade do professor, comprometido com a ampliação da consciência crítica dos alunos. A ele cabe a tarefa de separar o joio do trigo, analisando com os estudantes a qualidade daquilo que transita pelas ondas da televisão. O difícil hoje é achar trigo no meio de tanto joio. Mas esse é o mais novo desafio a ser enfrentado pelos professores – entre tantos outros impostos pela profissão (p. 90).

*A TV sob controle* é resultado, também, da atuação do autor como cidadão e jornalista. Lalo participa de ONGs voltadas para o acompanhamento da qualidade da programação da TV brasileira, assim como integra a Comissão de Acompanhamento da Programação de TV

da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, além de apresentar o Ver TV, primeiro programa de análise da televisão brasileira, transmitido pela TV Câmara e pela TV Nacional de Brasília. Lalo não se enquadra, portanto, na moda acadêmica, inspirada na postura do sociólogo alemão Max Weber e disseminada principalmente pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que separa o cidadão e o intelectual, o cientista e o político.

Num livro que questiona o poder dos proprietários das emissoras de televisão não poderiam faltar reflexões sobre a atuação política de empresários da mídia como Assis Chateaubriand e Roberto Marinho. Se a Globo faz questão de reescrever a sua história, tornando obscuro o processo que fez da emissora a potência monopolística que é, ainda hoje, Lalo mostra que a Globo conseguiu derrotar as emissoras concorrentes nos anos 1960, Record, Tupi e Excelsior, porque comportava-se como “filha obediente” diante dos dominantes:

Curvava-se às restrições oficiais e ia além, fazendo a própria censura. A estrondosa vitória do MDB, a oposição consentida, nas eleições para o Senado em 1974 foi escondida. O noticiário global começava destacando sempre uma inexpressiva vitória da Arena (o partido do governo) numa pequena cidade do interior. Quando o ex-presidente Juscelino Kubitschek morreu num estranho acidente na via Dutra, a Globo “esqueceu” de informar que ele estava com seus direitos políticos cassados. No final do regime, o comício pelas diretas-já na Praça da Sé, em São Paulo, foi anunciado como uma festa em comemoração ao aniversário da cidade. Não por acaso, a Globo saltou de três emissoras em 1969 para 11 em 1973. O pai sabia recompensar a filha comportada. Já a Excelsior, rebelde, nacionalista, fazendo um jornalismo independente e crítico, sucumbiu (pp. 137-138).

A leitura de *A TV sob controle* deixa evidente que a conquista da democracia política não significou a existência de uma democracia plena: o controle social do poder exercido pelas emissoras de televisão é um dos requi-

sitos para essa existência. Embora estejam ocorrendo, como o livro descreve, avanços importantes no sentido de se fortalecer esse controle, ele ainda é insuficiente para bloquear a atuação das emissoras de TV a serviço dos interesses das classes dominantes.

Mas não resta dúvida que o próprio livro é uma contribuição importante para o fortalecimento do controle social sobre a televisão, como se pode perceber pelo verdadeiro serviço público prestado pelo autor ao revelar, em artigo já publicado com grande repercussão pela revista *Carta Capital*, os bastidores da produção do Jornal Nacional da TV Globo. Diante da “cordialidade” da Globo, que convi-

dou professores para visitar os seus estúdios, Lalo não se calou e tornou público que os editores deste telejornal consideram que o telespectador médio possui a mesma capacidade de discernimento que o personagem televisivo Homer Simpson. Enquanto a sociedade brasileira não for capaz de dizer em alto e bom som que *não somos Homer Simpson*, continuaremos a ser tratados como bobalhões.

*Cláudio Novaes Pinto Coelho* é doutor em Sociologia pela USP, professor de Pós-graduação na Faculdade Cásper Líbero e autor, dentre outros, de *Publicidade: é possível escapar?* (Paulus).